

## 1880

Estava uma primavera incerta. O tempo, em permanente mudança, fazia voar sobre a terra nuvens de azul e violeta. No campo os lavradores ao olharem para as terras ficavam apreensivos; em Londres os guarda-chuvas abriam-se e fechavam-se nas mãos das pessoas que olhavam para o céu. Mas era de esperar um tempo assim em abril. Milhares de empregados de balcão faziam essa observação, ao entregarem embulhos impecáveis às senhoras de vestidos aos folhos, postadas diante dos balcões do Whiteley's e dos armazéns do Exército e da Marinha. Procissões intermináveis de compradores, no West End, de homens de negócios, no East, desfilavam nos passeios, como caravanas em marcha permanente — assim parecia aos que tinham alguma razão para parar, por exemplo, para deitar uma carta no correio ou olhar pela janela de um clube de Piccadilly. O fluxo de landaus, caleches e carruagens de aluguer era incessante, pois estava a começar a temporada. Nas ruas mais sossegadas os músicos esparziam um som de flauta, frágil e quase melancólico, do qual se fazia ouvir um eco, ou uma paródia, tanto aqui nas árvores de Hyde Park, como mais além, em St. James, no chilrear dos pardais e nos rompantes apaixonados mas intermitentes do tordo. Nas praças os pombos esvoaçavam no topo das árvores, deixando cair um ou outro graveto, e arrulhavam insistentemente numa cantilena sempre interrompida. Os portões do Marble Arch e de Apsley House ficavam bloqueados à tarde por senhoras de vestidos multicolores e saias de balão e por cavalheiros de casaca, bengala e cravo na lapela. Eis que chegava a princesa, e levantavam-se os chapéus à medida que ela passava. Nas caves das longas avenidas dos bairros residenciais, as criadas, de avental e crista, preparavam o chá. O bule de prata era colocado na mesa depois de uma ascensão tortuosa desde a cave, e as virgens e solteironas, cujas mãos tinham sarado as feridas de Bermondsey e Hoxton,

mediam cuidadosamente uma, duas, três, quatro colheres de chá. Quando o Sol se pôs, acenderam-se nos lampiões de vidro miríades de luzinhas de gás, com a forma dos olhos desenhados nas penas do pavão, que deixaram, ainda assim, no passeio, largas faixas imersas na escuridão. A luz mesclada dos candeeiros e do Sol poente refletia-se uniformemente nas águas plácidas do Round Pond e do Serpentine. Os que iam jantar fora, atravessando a ponte ao trote das carruagens, observavam por momentos a vista encantadora. Finalmente nasceu a Lua, e a sua face polida, embora obscurecida de vez em quando por farrapos de nuvens, brilhou serenamente, com severidade, ou talvez com total indiferença. Os dias, as semanas e os anos cruzavam o céu uns após outros, rodando devagar como os raios de um farol.

O coronel Abel Pargiter estava sentado a conversar no seu clube, depois do almoço. Os seus companheiros, sentados nas poltronas de couro, eram homens do mesmo tipo que ele, homens que tinham sido soldados, funcionários públicos, homens que já se tinham reformado, e estavam agora a recordar, contando piadas e histórias antigas, o passado na Índia, em África, no Egito, e, a dado momento, numa transição natural, voltaram-se para o presente. Tratava-se de uma nomeação, de uma possível nomeação.

Subitamente, o mais jovem e apumado dos três inclinou-se para a frente. Ontem almoçara com... Baixou então a voz. Os outros curvaram-se na sua direção; o coronel Abel dispensou, com um rápido e seco gesto de mão, o criado que estava a levantar as xícaras do café. As três cabeças grisalhas, onde o cabelo já rareava, permaneceram juntas durante alguns minutos. Em seguida o coronel Abel recostou-se outra vez na poltrona. A centelha de curiosidade que brilhara nos olhos de todos, quando o major Elkin começara a contar a sua história, desaparecera por completo do rosto do coronel Pargiter. Estava sentado com uma expressão de fixidez nos olhos azuis e brilhantes que pareciam ligeiramente franzidos, como se recebessem ainda o clarão do Oriente, pregueados nos cantos como se ainda estivessem cheios de pó. Ocorrera-lhe algum pensamento que desprovia de interesse o que os outros estavam a dizer, assunto que se lhe tornara mesmo desagradável. Levantou-se e olhou pela janela para Piccadilly, lá em baixo. De charuto na mão, ficou a olhar para o topo dos ônibus, carruagens, caleches, carroças e landaus. Estava fora de tudo aquilo, parecia dizer a sua atitude; já não tinha nada que ver com aquilo. E enquanto ali estava, de olhos fixos, instalou-se-lhe no rosto avermelhado e bem-parecido uma expressão de melanco-

lia. Ocorreu-lhe subitamente um pensamento. Tinha uma pergunta a fazer; voltou-se, mas os amigos tinham-se ido embora. O pequeno grupo dispersara-se. Elkin estava já a sair apressadamente; Brand levantara-se para falar com outra pessoa. O coronel Pargiter calou o que poderia ter dito, e voltou-se de novo para a janela que dominava Piccadilly. Toda a gente na rua parecia movida por um fito. Toda a gente se apressava para satisfazer algum compromisso. Até as senhoras pareciam percorrer Piccadilly, ao trote das caleches e das carruagens fechadas, em demanda de alguma coisa, ou para levar algum recado. As pessoas estavam a regressar a Londres e a instalar-se para a temporada. Mas para ele não haveria temporada, não tinha nada que fazer. A mulher estava a morrer, mas não morria. Um dia melhorava, no dia seguinte piorava; estava para chegar uma nova enfermeira; e por aí adiante. Pegou num jornal e folheou-o. Olhou para uma gravura da fachada oeste da Catedral de Colónia. Atirou de novo o jornal para o lugar de onde o tirara, no meio de outros jornais. Um dia destes — era o seu eufemismo para se referir à morte da mulher — havia de deixar Londres, pensava, e viver no campo. Mas havia a casa, os filhos, e havia também... a sua fisionomia alterou-se; tornou-se menos descontente, ganhando ao mesmo tempo um ar furtivo e pouco à vontade.

Afinal tinha um lugar para onde ir. Enquanto eles estavam na tagarelice, esse pensamento mantivera-se nele como um pano de fundo. Quando se voltara para trás e se dera conta de que eles tinham ido embora, fora esse o bálsamo que aplicara na ferida. Iria ver Mira; Mira pelo menos ficaria contente por o ver. Assim, quando deixou o clube, não se dirigiu para este, para onde seguiam os homens atarefados; nem para oeste, onde ficava a sua casa em Abercorn Terrace; encaminhou-se antes para Westminster, pelos difíceis atalhos que atravessam o Green Park. A relva estava muito verde; as folhas começavam a brotar; eram pequenas garras verdes, como as dos pássaros, que despontavam nos ramos; havia uma cintilação animada por toda a parte; o ar tinha um cheiro lavado e vivo. Mas o coronel Pargiter não via nem a relva nem as árvores. Marchava pelo parque fora, com o seu casaco bem abotoado, olhando em frente. Mas, quando chegou a Westminster, estacou. Não gostava nada, mesmo nada, daquela parte do caso. Sempre que se aproximava da ruazita que se aninhava à sombra do enorme vulto da abadia, daquela rua com casinhas debotadas com cortinas amarelas e bocados de cartão nas janelas, daquela rua onde o homem dos *muffins* estava sempre a tocar a sua sineta, onde as crianças gritavam e pulavam para dentro e para fora das marcas de giz branco desenhadas no passeio, ele

detinha-se, olhava para a direita, olhava para a esquerda, e depois dirigia-se abruptamente ao número trinta e tocava à campainha. Cravava os olhos na porta e ficava à espera com a cabeça um pouco afundada. Não tinha vontade de ser visto ali, parado, naqueles degraus. Não gostava de ficar à espera de que o mandassem entrar. Não gostava do modo como a Sra. Sims o mandava entrar. Havia sempre um certo cheiro na casa; havia sempre roupa suja pendurada numa corda no jardim das traseiras. Subiu a escada com passos pesados de mau humor, e entrou na sala de estar.

Não estava lá ninguém; chegara cedo de mais. Olhou em volta, para a sala, com desagrado. Havia objetos de mais por toda a parte. Sentiu-se deslocado, e decididamente grande de mais, ao postar-se diante da lareira apainelada, defronte de um biombo, no qual estava pintado um pica-peixe a pousar sobre uns juncos. Houve uma restolhada de passos de um lado para o outro no andar de cima. Estaria ela com alguém? perguntou a si mesmo, escutando. As crianças gritavam lá fora na rua. Tudo aquilo era sórdido, mesquinho, furtivo. Um dia destes, disse para consigo... mas a porta abriu-se, e a sua amante, Mira, entrou.

— Oh, Bogy, querido! — exclamou ela. Estava muito despenteada; tinha um ar um pouco desmazelado; mas era muito mais nova do que ele e estava realmente contente por o ver, pensou ele. O cãozinho saltou para o colo dela.

— Lulu, Lulu! — gritou ela, agarrando o cãozinho com uma mão, enquanto levava a outra ao cabelo — Vem cá e deixa o tio Bogy observar-te.

O coronel instalou-se na cadeira de vime que rangia. Ela pôs-lhe o cão em cima do joelho. Havia uma mancha vermelha — possivelmente um eczema — por trás de uma das orelhas. O coronel pôs os óculos e curvou-se para observar a orelha do cão. Mira beijou-o na marca do colarinho. Os óculos então caíram. Ela agarrou-os e pô-los no cão. Hoje o rapaz estava em baixo, sentiu. Alguma coisa estava a correr mal nesse mundo misterioso de clubes e da vida em família, do qual ele nunca lhe falava. Ele viera antes de ela se pentear, o que era um aborrecimento. Mas o dever dela era distraí-lo. Por isso, começou a esvoaçar de um lado para o outro — a figura dela, embora se fosse tornando mais volumosa, ainda lhe permitia deslizar entre a mesa e as cadeiras —, afastou o biombo e, antes que ele a pudesse deter, acendeu a lareira renitente. Depois empoleirou-se no braço da poltrona dele.

— Oh, Mira! — disse ela, mirando-se de relance no espelho e mudando os ganchos. — Mas que menina tão desalinhada! — Despreendeu

uma longa madeixa encaracolada e deixou-a cair sobre os ombros. Era um cabelo lindo, de um ouro ainda cintilante, apesar de ela estar à beira dos quarenta e de ter, se a verdade houvesse de se saber, uma filha de oito anos que vivia em casa de uns amigos em Bedford. A cabeleira foi descaindo por si, cedendo ao seu próprio peso, e Bogy, ao vê-la tombar, inclinou-se e beijou-lhe os cabelos. Um realejo começara a tocar ao fundo da rua, e as crianças precipitaram-se nessa direção, deixando um rastro súbito de silêncio. O coronel começou a acariciar-lhe o pescoço. Começou a descer com a mão que perdera dois dedos, para apalpar a junção dos ombros com o pescoço. Mira escorregou para o chão e encostou-se ao joelho dele.

Ouviu-se então um rangido nas escadas; alguém bateu de leve à porta, como para os avisar da sua presença. Mira compôs o cabelo imediatamente, levantou-se e fechou a porta.

O coronel começou outra vez a examinar metodicamente as orelhas do cão. Seria ou não um eczema? Observou a mancha vermelha, depois colocou o cão no cesto e ficou à espera. Não lhe agradava aquele segredar prolongado lá fora no patamar. Por fim, Mira voltou; parecia preocupada; e, quando estava preocupada, parecia mais velha. Começou a passar uma busca debaixo das almofadas e das colchas. Queria a sua bolsa, disse; onde é que a pusera? Naquela balbúrdia em que estavam as coisas, pensou o coronel, podia estar em qualquer lugar. Era uma bolsa magra e de aspeto miserável, a que ela acabou por achar debaixo das almofadas, num canto do sofá. Virou-a de pernas para o ar. À medida que ela a sacudia, foram caindo lenços de bolso, bocadinhos de papel enrolado, moedas de prata e de cobre. Mas devia haver também uma libra, disse ela. — Tenho a certeza de que ontem tinha uma libra! — murmurou.

— Quanto? — disse o coronel.

Era uma libra, não, era uma libra, oito xelins e seis pence, disse, resmungando algo acerca da roupa. O coronel extraiu duas libras do seu porta-moedas dourado e deu-lhas. Ela recebeu-as, e o sussurro continuou no patamar.

— Roupa? — pensou o coronel, olhando em redor. Era um lugarzinho encardido; mas sendo ele muito mais velho do que ela não podia estar a fazer perguntas sobre a roupa. Ei-la de volta. Esvoaçou pelo quarto fora, sentou-se no chão e encostou a cabeça ao joelho dele. As chamas renitentes, que ardiem num lampejo mortiço, tinham-se apagado. — Deixa isso! — disse ele impaciente, quando ela pegou no atizador. — Deixa a lareira apagar-se. — Ela resignou-se a largar o atizador. O cão ressonava; o realejo tocava. A mão dele começou a viajar para